

A quem interessa o fracasso da escola particular

SYLVIA FIGUEIREDO GOUVEA

As escolas particulares vêm, desde muito tempo, se encarregando da educação de grande parcela da população. Surgidas e procuradas, inicialmente, para desenvolver a formação de jovens na direção de determinados valores ou filosofias, como no caso das escolas religiosas e de outras, tipo Sumnerhill, piagetianas etc., elas vêm, cada vez mais, suprimindo a incapacidade do ensino público para atender em número, mas sobretudo em qualidade, aos anseios dos pais de legar aos filhos um bem indestrutível: uma boa educação.

Desde as famílias mais abastadas até as que conseguem reservar, com grande sacrifício, a quantia necessária para pagar as mensalidades, todas acreditam na verdade do provérbio chinês: "Se deres um peixe a um homem, ele se alimentará uma vez, mas se o ensinares a pescar, ele se alimentará a vida inteira". Os pais desejam que os filhos sejam como eles, instruídos e capazes, ou aquilo que não puderam ser por falta de estudo; procuram incutir-lhes a necessidade de serem aplicados, alegram-se com seus progressos, preocupam-se com os fracassos, algumas vezes até supervalorizam a capacidade de o sucesso escolar determinar o da vida.

Nota-se um fato interessante: os estudantes de escolas particulares que não estudam são "ameaçados", pelas famílias, de

serem colocados na rede pública, e, para os de escolas do governo, o primeiro indicio de que a família está em ascensão é serem transferidos para o ensino particular. É de se observar que este fato ocorre mais a nível de pré-escola, primeiro e segundo graus, já havendo no terceiro grau uma busca consciente de certas universidades governamentais, como é o caso, aqui em São Paulo, da USP.

A verdade, inegável, é que muitas escolas particulares, principalmente nos quinze primeiros anos de escolaridade, vêm desenvolvendo um ensino cada vez melhor, mais especializado, atingindo padrões comparáveis aos países mais desenvolvidos. Seja na definição dos objetivos, na escolha das estratégias e na avaliação — clara orientação para aluno e professor —, o ensino particular em muitas escolas do Brasil é, sem dúvida, de altíssimo nível e prepara os jovens para enfrentarem qualquer desafio futuro, tanto acadêmico como existencial. Estas escolas trabalham realmente para a "formação integral do educando", palavras que, para elas, não estão somente no papel. Lidando com as atitudes sociais, discutindo valores, preocupando-se com que o aluno tenha, desde o início, consciência de suas reais possibilidades, trabalhando mais com as facilidades do que com as dificuldades, estas escolas realizam um trabalho que está, hoje, correndo grave risco.

Este risco não está, basicamente, no perigo real de algumas escolas falirem em

consequência do fato de terem sido convertidas em "cesta básica" da população, numa total ignorância de seus custos e dificuldades e na desconsideração de que os professores precisam ganhar um salário à altura da função que exercem. Espanta-nos o fato de pessoas que ocupam altos cargos na administração pregarem, através da imprensa, que "as escolas precisam deixar de se considerarem empresas comerciais", quando elas pagam impostos como qualquer outra, estão sujeitas à lei do inquilinato, a juros bancários e a tudo — exatamente tudo — a que se obriga qualquer outra empresa.

Mas o fato que queremos aqui denunciar é outro: a campanha de destruição da credibilidade na escola particular e a instigação de forte agressividade mútua entre os maiores interessados no assunto: alunos e famílias contra seus próprios mestres. Prejudicadas pelos inexplicáveis e prolongados silêncios dos órgãos governamentais que, aqui em São Paulo, têm a irresponsabilidade de deixar passar o 1º semestre e ficar, até hoje, sem uma definição de quanto cobrar e quanto pagar, as escolas não têm tido tranquilidade para trabalhar em sua função educativa, ocupando reuniões pedagógicas para fazer contas. E os pais, questionando até a honestidade das pessoas a quem confiam, diariamente, a formação de seus filhos, transmitem às crianças e jovens um clima tal que está havendo, neste período, maior dificuldade para ensinar, lidar com disciplina, trabalhar com valores.

Fica aqui nossa dúvida: o governo, a imprensa, parte da população, não percebem o que estão fazendo ou estão realmente empenhados em destruir a escola particular no Brasil?

As crianças não são como uma convéflor (embora educadores retrógrados insistam em ensinar-lhes que vieram ao mundo dentro delas). Se, por exemplo, um agricultor, acusado de abusar do seu preço, lutar para mostrar que tal não aconteceu e, finalmente, colocar sua hortaliza no mercado, a preço justo, ela continuará pura, vigorosa, nutritiva. Mas o aluno, jogado pelos pais contra a escola, educado por professores mal pagos e ainda criticados, certamente sairá lesado, murcho, atrofiado, além de absolutamente perplexo e confuso, em quem confiar?

Enquanto a educação no Brasil não for valorizada, enquanto a escola pública não aumentar em quantidade e melhorar sua qualidade, enquanto a escola particular não for deixada em paz para realizar seu trabalho, enquanto quinze anos de ensino (do maternal ao 3º Colegial), de altíssimo nível, nas mais caras escolas de São Paulo, custar apenas o mesmo que um carro zero quilômetro, nosso país continuará beirando os limites do subdesenvolvimento econômico, cultural e, sobretudo, humano.

A autora é pedagoga, orientadora educacional e diretora da Escola Nova Lourenço Castanho em São Paulo